REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Amanda Souza Ribeiro[1]
Universidade Estadual do Paraná
amad.rebeiro@gmail.com

Cristina Satiê de Oliveira Pátaro[2]
Universidade Estadual do Paraná
crispataro@gmail.com

Frank Antonio Mezzomo[3]
Universidade Estadual do Paraná
frankmezzomo@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar discussões a respeito do ensino de História nos anos iniciais, com base na reflexão acerca de uma prática pedagógica tematizando a história do município de Campo Mourão, desenvolvida junto a crianças do 4º ano do Ensino Fundamental. No presente texto, busca-se questionar algumas práticas "tradicionais" do ensino de História, analisando as contribuições que a Nova História trouxe para o ensino da disciplina. A prática pedagógica realizada junto aos alunos evidencia a importância da utilização de diversas fontes históricas no ensino, possibilitando a compreensão das mudanças e permanências ao longo do tempo, bem como da importância do sujeito e das ações cotidianas na construção da História.
Palavras-chave: Ensino de História. Fontes. Anos iniciais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT: This paper aims to discuss issues related to History teaching in the early years, based on a reflection on a pedagogical practice developed with children of elementary school, in working with contents about the history of Campo Mourão city. In this paper, we problematize the "traditional" practices of History teaching, analyzing the contributions that the New History brought to History teaching. The pedagogical practice held with the students highlights the importance of using various historical sources, enabling the understanding of the changes and continuities over time, and the importance of the subject and of everyday actions in the construction of History.
Keywords: History teaching. Historical sources. Elementary school.

Introdução

A partir do fim do período militar (1964-1985) e, posteriormente, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), novas discussões sobre

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento - PPGSeD, da Universidade Estadual do Paraná.
[2] Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD). Doutora em Educação (USP).
[3] Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD). Editor da Revista NUPEM. Doutor em História Cultural (UFSC).

o ensino de História passam a ser pautadas e defendidas, assim como diferentes propostas e metodologias, as quais passam a fazer parte das orientações e diretrizes nacionais da disciplina, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais e, no caso do Paraná, de suas Diretrizes Curriculares. A despeito desse movimento, pode-se observar que grande parte do ensino de História no Ensino Fundamental tem sido pautada na prática denominada "tradicional", baseada na sucessão cronológica e linear dos acontecimentos, configurando-se como a única compreensão possível dos fatos.

O ensino de História embasado nas novas propostas – impulsionadas em grande parte pela Nova História – vem questionar a visão tradicional, destacando a relevância de mostrar que a história também é construída por todas as pessoas, homens e mulheres, em seu cotidiano, e que o ensino da disciplina deve demonstrar o lugar dos sujeitos na história e proporcionar elementos para que esses consigam entender e se localizar no tempo, no espaço, entendendo que são sujeitos atuantes na história.

Além de uma questão atinente à abordagem historiográfica que embasa a prática pedagógica, há que se considerar ainda os aspectos relacionados à formação dos professores responsáveis pelo ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Vale destacar que, com frequência, os docentes deste nível de ensino possuem apenas a formação de nível Médio ou mesmo a graduação em Pedagogia, não tendo, portanto, a formação específica nos conteúdos curriculares. Tendo em vista que o Curso de Pedagogia apresenta uma carga horária pequena destinada às disciplinas que orientam sobre o ensino de História, concordamos com afirmação de Caimi (2010) quando considera que o conhecimento histórico desse professor é limitado e, muitas vezes, está baseado na sua escolarização ou de acordo com a cultura presente no seu meio social.

Diante de tal problemática, as questões apresentadas nesse texto buscam trazer algumas reflexões acerca do ensino de História nos anos iniciais, a partir da prática pedagógica desenvolvida junto a uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental[4]. Ao apresentar e analisar a referida experiência, buscamos trazer discussões a fim de questionar algumas práticas "tradicionais" do ensino de História, a partir das contribuições que a Nova História trouxe para o ensino da disciplina, tais como a compreensão das

[4] A prática pedagógica apresentada foi desenvolvida por ocasião do Estágio Obrigatório do quarto ano do Curso de Pedagogia da Unespar (Universidade Estadual do Paraná), câmpus de Campo Mourão, com alunos de um 4° ano do Ensino Fundamental em uma escola Municipal de Campo Mourão, PR. O estágio foi realizado entre os meses de maio e junho de 2014, no período da manhã.

temporalidades, a diversidade e a legitimidade de fontes no estudo das relações entre os sujeitos e dos processos históricos.

Repensando o Ensino de História

Ao longo do tempo, a História – sobretudo a partir do século XIX, quando se constituiu como disciplina, na esteira da discussão do que se entendia por ciência – passou a ser investigada e ensinada de maneiras diversas, com base em paradigmas historiográficos que traziam diferentes concepções de tempo e modos de lidar com o passado. A perspectiva tradicional, em geral associada ao Positivismo, o Materialismo Histórico e a Nova História são três correntes que imprimiram no Ocidente, nesse caso particular no Brasil, marcas indeléveis que são percebidas até a atualidade.

Na abordagem tradicional, o ensino de História segue um viés nacionalista, primando pela construção e preservação de heróis, exercendo influências na formação de conceitos como cidadania e nação. O ensino de História nessa perspectiva tem como objetivo a constituição de uma identidade nacional, apresentando aos alunos um passado da nação repleto de conquistas, protagonizadas por heróis brancos e seus grandes feitos. Dessa forma:

> o ensino de história assume uma perspectiva que se resume em festejar datas num desfile linear, anacrônico e sem significado, ao lembrar fatos do passado de forma descontextualizada e sob um único viés, decorrente da atuação épica de personagens, reverenciados como "heróis", e que figuram como seres sobrenaturais. (BERGAMASCHI, 2002: S/P).

Esse modelo de ensino segue uma concepção que compreende o tempo como linear, contínuo e progressivo, sendo conhecida como uma história de eventos, onde os fatos são apresentados e descritos em sequência cronológica, sem espaço para interpretações, pois essas poderiam prejudicar a imparcialidade e objetividade dos fatos (BURKE, 1992). Nesse entendimento, acredita-se que a verdade histórica é *"alcançada por meio da neutralidade do historiador ante o real analisado, obtendo assim um reflexo fiel dos fatos do passado"* (BRUCE, FALCÃO, DIDIER, 2006: 201).

Na abordagem tradicional, é função da história o levantamento e descrição de fatos, que são apresentados como uma sucessão de acontecimentos que não necessariamente estão relacionados uns aos outros (a não ser por uma lógica de causalidade), dando destaque às conquistas políticas, às batalhas, aos feitos dos grandes heróis nacionais. As

principais fontes utilizadas são, assim, os documentos oficiais, e a narrativa histórica é repleta por ações do Estado e pelas instituições reconhecidamente afilhadas/afinadas a ele.

Com o adiantar do século XX, a abordagem tradicional começa a ser questionada, e outros paradigmas, aos poucos, vão ganhando legitimidade e legando para o ensino de História, uma prática-reflexão mais integrada ao cotidiano e próximo da realidade do sujeito. Nesse contexto, o materialismo dialético ganha destaque. Em relação à investigação histórica, considera a realidade como dinâmica, com contradições e dialética, tendo como elemento importante as lutas de classes. Sua concepção de tempo tenta explicar o passado por meio do tempo acontecido e *"da contradição que pode ser encontrada em todo fato e, para compreender a contradição, faz necessário deslocar-se temporalmente intentando como determinados fatos se constituíram historicamente e porque se apresentam de tal forma ao homem no presente"* (OLIVEIRA, 2010: 43). Um aspecto importante é que a perspectiva do materialismo histórico traz para o ensino de História a visibilidade das parcelas oprimidas da população, além de objetivar que o aluno se compreenda como sujeito da própria história (PARANÁ, 2008).

Apesar de o materialismo histórico ter apresentado outra forma de narrativa histórica e causado transformações importantes na forma de investigar o passado, mudanças significativas na concepção de tempo parecem ter ocorrido de forma mais intensa a partir das discussões propostas pela Escola dos Annales[5], a partir do movimento que ficou conhecido, a partir da década de 1970, como Nova História. Com os debates e ponderações que foram efetivadas por profissionais de história, participantes de instituições como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e a Associação Nacional de História – SBPC e ANPUH, respectivamente –, houve mudanças na concepção de ensino de História, influenciando reformas curriculares no Brasil e apresentando uma nova concepção de educação (BRUCE, FALCÃO, DIDIER, 2006).

Com as discussões iniciadas pela Escola dos Annales e consolidadas com a Nova História, o ensino da disciplina passou por transformações que causaram alterações em relação à forma como o tempo é concebido. Se no ensino tradicional o tempo histórico é pensado e apresentado de forma contínua, linear e progressiva, ganham destaque, a partir dessa nova perspectiva, outras temporalidades, enfatizando o caráter repetitivo, cíclico e simultâneo do tempo, onde diferentes aspectos da vida dos seres humanos começaram a

[5] A Escola dos Annales se apresentou hegemônica no ocidente, sobretudo a partir de meados da década de 1960. A Escola, ou movimento como preferem alguns historiadores, surgiu a partir de um grupo de historiadores franceses que fundaram, em 1929, a Revista *Annales d'histoire économique et sociale*. Tratou-se de um projeto, usando a expressão de Burke, que revolucionou a escrita da história no século XX (BURKE, 1992; OLIVEIRA, 2011).

constar como preocupações dos historiadores. Desse modo, não são somente os feitos de homens pertencentes à história política de cada país que constroem a História, já que essa também é formada igualmente por outras dimensões e a partir dos acontecimentos humanos, *"que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo"* (BURKE, 1992: 11).

A nova compreensão deu origem a diferentes abordagens para o ensino de História, ampliando as possibilidades de fontes para a investigação e para o ensino, uma vez que todo registro humano poderia ser utilizado e analisado com fonte histórica, como documento (LE GOFF, 1996). Isso porque, para realizar uma leitura ou releitura do passado e eleger novos objetos de estudo, faz-se necessário encontrar novas fontes, quando se passa a considerar as fotografias, textos literários, relatos orais e evidências estatísticas como fontes de informação para os estudos históricos (BURKE, 1992).

Com essa nova forma de entender a História, a concepção de progresso e do tempo contínuo e linear foram repensados. Deve-se considerar o tempo da duração, analisando os fatos não só em sua organização cronológica, mas também em vista das mudanças e continuidades presentes ao longo do tempo. Nesta concepção de tempo, *"deve ser considerada na construção da História, a simultaneidade das durações assim como os movimentos de permanências e mudanças que ocorrem em uma sociedade ao longo de um determinado período"* (OLIVEIRA, 2010: 44-45), não sendo adequado considerar apenas a cronologia para entender o tempo histórico.

Assim, o ensino de História pautado nessa abordagem defende a história como um processo formado por diferentes temporalidades e não como fatos acabados, sendo possível realizar diferentes interpretações do passado.

A prática desenvolvida na escola

A prática pedagógica foi desenvolvida em uma escola municipal de Campo Mourão junto a uma sala de 4º ano do Ensino Fundamental que contava com 21 alunos, tendo como objetivo trabalhar a história do município de Campo Mourão, sua constituição histórica, as mudanças e permanências ao longo das últimas décadas. Abordamos a discussão de presente e passado, buscando destacar as transformações que ocorreram no município desde sua origem.

Ao planejar as aulas, tivemos a preocupação em (re)pensar a seleção dos conteúdos e metodologias em vista de novas abordagens, tentando afinar-se à perspectiva da Nova

História. A escolha dos conteúdos escolares reflete uma determinada concepção de História, e envolve interesses dos poderes constituídos. Deste modo, definir o que será ensinado caracteriza uma série de disputas em relação à memória, à constituição dos sujeitos e da nação. Procuramos valorizar uma história cujo papel seria o de orientar os sujeitos na tarefa de pensar historicamente e formarem sua consciência histórica (SCHMIDT, GARCIA, 2005), reconhecendo as variadas experiências das sociedades e levando os estudantes a, por meio desses conhecimentos, compreender os fatos do seu tempo e da sua vida. Compartilhamos do entendimento de que a história não é apenas formada por datas, fatos históricos, nomes de heróis ou pela memorização e repetição dessas informações pelos alunos, como acontece no ensino de História tradicional. A disciplina deve ter como objetivo formar um sujeito capaz de utilizar seus conhecimentos intelectuais para se localizar na sociedade em que está inserido e entender o mundo onde vive (CAINELLI, 2010).

Em vista de tais objetivos e perspectiva, em nossa primeira aula, apresentamos aos alunos o processo de constituição de um município, de um bairro, e as características dos espaços de zona rural e urbana.

Iniciamos a aula com o mapa do município de Campo Mourão para, junto com as crianças, identificarmos o bairro onde estava localizada a escola. O mapa foi colado na lousa, os alunos se aproximaram e iniciaram a busca. Todos se dispuseram a tentar localizar e poucos minutos depois um dos alunos conseguiu encontrar o bairro onde ficava a escola. Essa atividade possibilita aos alunos trabalhar as noções de representação e localização no espaço, considerando, de acordo com Zamboni (1989), que quando *"o ser humano tem consciência do lugar que ocupa no espaço, melhor é seu relacionamento com o grupo social a que pertence; tem maior clareza de suas relações com as demais pessoas, e condições de se situar historicamente"* (ZAMBONI, 1989: 65).

Na sequência, iniciamos uma conversa sobre onde moravam, como era o lugar, quais eram os tipos de construções que havia no local, se havia estabelecimentos comerciais, e como era o caminho da sua casa até a escola. No início, apenas um dos alunos se dispôs a contar como era o lugar onde morava, relatando a existência de várias casas, algumas árvores, mercado, padaria, ruas asfaltadas, animais de estimação e ausência de indústrias. Cainelli (2010) salienta a importância de a escola utilizar e respeitar os conhecimentos e vivências dos alunos, possibilitando a compreensão do lugar que ocupam no espaço e seu papel na sociedade. Dessa forma *"é a reflexão constante sobre o dia a dia de cada criança e do professor que ambos têm condições de refletir sobre o seu*

grupo, perceberem as relações sociais e de produção nele existentes e a partir daí situarem-se historicamente" (ZAMBONI, 1989: 71).

Em um segundo momento, trabalhamos um texto sobre o que são e como são constituídos os municípios, analisando o bairro onde morava cada criança e discutindo acerca da importância da oferta de alguns serviços públicos. A maioria das crianças descreveu o bairro onde morava como sendo urbano e residencial, com muitas casas, poucas árvores, alguns estabelecimentos de comércio, como mercado e padaria, posto de saúde, escolas e ruas asfaltadas. Apenas um aluno descreveu seu bairro como sendo urbano industrial, com várias indústrias, poucas casas e árvores. Os serviços que eles acreditavam serem importantes em uma cidade foram os hospitais, a coleta de lixo, as escolas e a segurança.

Na atividade seguinte, trabalhamos os espaços e as atividades presentes na zona urbana e na zona rural, as semelhanças e diferenças e as articulações entre elas. Todos os alunos afirmaram morar na zona urbana, que caracterizaram como sendo um espaço onde há muitas casas, prédios, ruas asfaltadas, mercados, comércio, hospitais, escolas, onde as casas ficam perto uma das outras e há poucas árvores. Para a zona rural, os alunos descreveram como sendo um espaço onde há mais árvores e plantações, poucas casas e que as mesmas ficam distantes uma das outras, tendo vários animais, criação de gado e outros. Afirmaram que a vida das pessoas que moram na zona urbana é corrida, levantam cedo e vão para a escola ou trabalho, passam o dia todo fora. Já na zona rural, embora as pessoas também acordem cedo, a rotina seria outra: dar comida para os animais e trabalhar cuidando da plantação. Isto é, a natureza do trabalho desenvolvido e a relação com o tempo no cotidiano é um pouco diferente. De acordo com Bergamaschi:

> As formas de viver, sentir e pensar o tempo, ao longo da história, não são homogêneas, nem tampouco aparecem iguais nos diferentes grupos sociais que compartilham de uma simultaneidade temporal. Sua compreensão varia de acordo com as concepções de mundo predominantes e é sempre uma construção histórico-cultural. (BERGAMASCHI, 2002: S/P).

Após terem entrado em contato com as características do espaço e das atividades do município onde vivem as crianças da turma, a segunda aula teve como objetivo trabalhar a noção de passado e presente por meio da análise de dois vídeos que tratam da história de Campo Mourão. Nesse momento, o objetivo era discutir sobre como surge um município, quantos anos já se passaram desde sua constituição, e o que as crianças conheciam sobre a história local.

O primeiro vídeo[6] trabalhado tratava do aniversário de 60 anos do município, comemorado em 2007, em que são destacados o surgimento, desenvolvimento e potencialidades de crescimento na atualidade. Apresenta como surgiu a cidade, como foi se transformando com o passar do tempo, sua importância e inserção regional, a qualidade dos serviços oferecidos, força econômica, cultura, educação e saúde. Como atividade, solicitamos que, durante a sua exibição, as crianças prestassem atenção aos lugares retratados, tentando ver o que conseguiam reconhecer, e quais os temas estavam sendo priorizados. Após assistirem, registramos na lousa, com a ajuda dos alunos, quais os temas que foram apontados. Dentre os temas, as crianças citaram educação, saúde, lazer, polo de alimentos, cultura e modernização.

Em seguida, as crianças assistiram ao segundo vídeo[7], intitulado "Assim nasce uma cidade", que trata também do município de Campo Mourão, e que foi produzido na década de 1960. De início, não informamos o ano em que foi feito o documentário, apenas que se tratava de algo diferente do primeiro, e pedimos que prestassem atenção para poder entender e, posteriormente, comparar com o vídeo anterior. Cainelli destaca a importância de se trabalhar as semelhanças e diferenças, mudanças e permanências como elementos da noção temporal, e afirma que:

> Há uma construção de sentidos para as explicações sobre o tempo e as mudanças temporais são explicadas a partir da percepção das transformações nos objetos e nas estruturas sociais a partir das suas vivências atuais. Observando [por exemplo] a televisão de plasma e comparando-a com a televisão de fusível, a criança pode começar a estabelecer as primeiras noções de movimento do tempo e de transformações (CAINELLI, 2006: 70).

O vídeo apresenta imagens da cidade no início de sua ocupação, quando estavam sendo construídas ainda as primeiras residências, em madeira, em meio a araucárias e outras árvores que eram derrubadas para dar espaço às casas e estabelecimentos comerciais. Segue mostrando o desenvolvimento da cidade até a década de 1960 – período no qual foi filmado –, como a estrutura das casas foi evoluindo ao longo do tempo, assim como a cidade como um todo, dando destaque para os estabelecimentos comerciais, os serviços oferecidos no município, e espaços públicos. Na sequência, apresenta alguns dos

[6] Trata-se do material intitulado: **Campo Mourão 60 anos**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=P5wAmpSo9Og. Acesso em: 15 abr. 2015.
[7] O documentário leva o nome de: **Assim nasce uma cidade**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3tRaRxIEaak (Parte I) e https://www.youtube.com/watch?v=oISoFp_vDJ4 (parte II). Acesso em: 02 abr. 2015.

migrantes do município e suas famílias, ainda vivos e moradores de Campo Mourão desde a década de 1960[8].

Após a exibição conversamos sobre o que haviam achado do material, quais os temas foram abordados e que espaços conseguiram reconhecer. A maioria dos alunos reconheceu apenas a praça no centro da cidade, atualmente denominada de Praça Getúlio Vargas.

Com esse exercício de apresentação dos vídeos, procurou-se provocar os alunos a entrar em contato com a dimensão histórica dos espaços que convivem, buscando identificar as mudanças e permanências nas construções, nos costumes, nos temas e demais características políticas e econômicas do município. De acordo com Schmidt e Garcia (2005) *"a partir do seu presente e de sua experiência, alunos e professores se apropriam da história como uma ferramenta com a qual podem romper, destruir e decifrar a linearidade de determinadas narrativas históricas"* (SCHMIDT, GARCIA, 2005: 304).

Sistematizamos as semelhanças e diferenças entre os dois vídeos, bem como as mudanças e permanências presentes no município de Campo Mourão ao longo das décadas de abrangência das fontes trabalhadas. Acerca das mudanças e permanências no município, foram citadas pelas crianças as seguintes mudanças: a estrutura das casas, as ruas, a quantidade de casas, as roupas das pessoas, os carros e os prédios comerciais. Em relação ao que permaneceu idêntico, destacaram as paisagens, pessoas, instituições religiosas (Ex.: a Catedral), e famílias.

Para a visualização da passagem do tempo, trabalhamos com a linha do tempo na lousa, com a finalidade de localizar a época em que foram feitos os dois vídeos trabalhados, além de destacar o ano atual (2014), o ano de nascimento de cada criança e o ano de emancipação do município de Campo Mourão. De acordo com Cainelli *"a questão da temporalidade e da forma como as crianças entendem a passagem do tempo está relacionada com a experiência familiar. Recorrem a lembranças de objetos (presentes de Natal e aniversário), [...] para organizar o tempo com sentido de progressão"* (CAINELLI, 2006: 65). Dessa forma é relevante relacionar o conteúdo trabalhando com as vivências dos alunos e com as pessoas de seu convívio.

O terceiro dia de aula teve como objetivo dar sequência ao trabalho sobre noção de tempo, presente e passado, fazendo uso, para tanto, de fotos recentes e antigas de algumas construções do município. De acordo com Mauad,

[8] Vale ressaltar que o vídeo reflete uma perspectiva tradicional de história e de desenvolvimento do município. A despeito desta característica, entendemos que todo documento pode ser problematizado, em vista de levar os alunos a um processo de reflexão e desconstrução, de analisar as intencionalidades e jogos de poder que marcam sua produção e perpetuação.

> considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado – condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. [...] a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo (MAUAD, 1996: 80).

As crianças foram levadas a registrar, por meio de desenhos, como era o município no passado e como é atualmente. Durante essa atividade, foram distribuídas aos alunos algumas fotos de lugares da cidade em duas versões: antigas e atuais. Primeiro apresentamos a foto de como era o lugar há algumas décadas e discutimos se reconheciam aquele lugar, e depois mostramos a foto do lugar atualmente. De acordo com Mauad (1996) *"a fotografia – para ser utilizada como fonte histórica [...] – deve compor uma série extensa e homogênea no sentido de dar conta das semelhanças e diferenças próprias ao conjunto de imagens que se escolheu analisar"* (MAUAD, 1996: 82). Na sequência, seguem algumas das fotos utilizadas na atividade.

Imagem 1: Centro de Campo Mourão, Praça Getúlio Vargas (1955)



Fonte: http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1232409.

Imagem 2: Centro de Campo Mourão, Praça Getúlio Vargas



Fonte: http://wibajucm.blogspot.com.br/2012/01/mormuls-avatar.html

A primeira imagem mostra o centro da cidade, Praça 10 de Outubro (hoje Praça Getúlio Vargas) e o Instituto Santa Cruz em 1955. Na imagem, duas mulheres e, ao fundo, a Catedral São José. Podemos notar que não havia muitas árvores e outras edificações no local. Na segunda imagem, o centro da cidade em 2012, com a nova construção da igreja, construído no lugar do antigo prédio, além de muitas árvores enfeitando a praça, bancos, chafariz e luminárias.

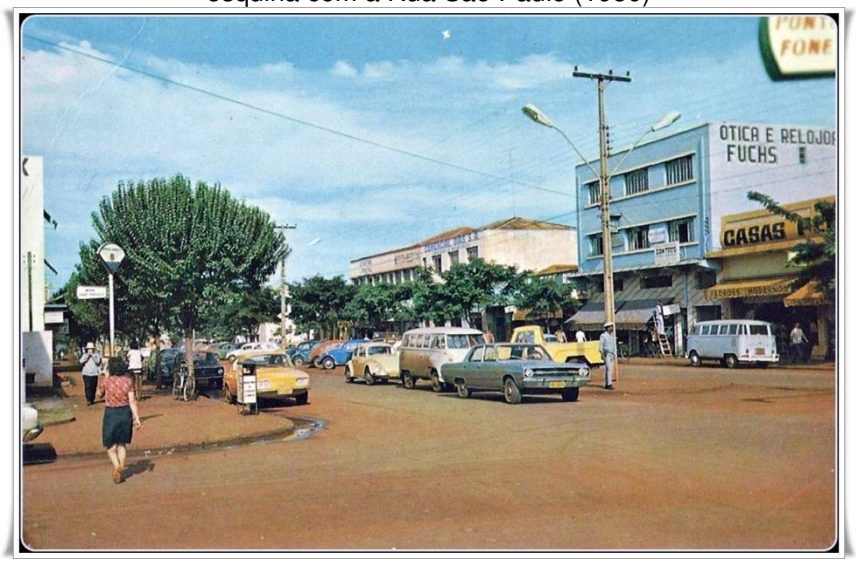
Imagem 3: Catedral São José no centro de Campo Mourão (1940 e 2012)



Fonte: http://wibajucm.blogspot.com.br/2012/02/campo-mourao-ontem-e-hoje.html

A imagem 3 dá destaque para a Catedral São José localizada no centro da cidade. A foto apresenta como era na década de 1940, com estrutura pequena, feita de madeira, com arquitetura diferente da atual e seu entorno, sem árvores e construções. A segunda foto mostra a nova Catedral, construída no lugar da primeira, com estrutura mais moderna, feita de tijolos, com várias árvores ao seu redor, bancos de madeira, tendo à frente um chafariz e luminárias.

Imagem 4: Campo Mourão Avenida Capitão Índio Bandeira, esquina com a Rua São Paulo (1980)



Fonte: http://wibajucm.blogspot.com.br/2011/05/fotos-antigas-campo-mourao-anos-50.html

Imagem 5: Campo Mourão Avenida Capitão Índio Bandeira, esquina com a Rua São Paulo (2012)



Fonte: http://s273.photobucket.com/user/pepedrocunha/media/Downtown00_zps17859c73.jpg.html

Na imagem 4, temos o centro da cidade em 1980, Avenida Capitão Índio Bandeira, esquina com a rua São Paulo. Podemos observar os carros da época de diferentes cores, pessoas andando, edificações de 2 a 3 pavimentos e árvores. A imagem 5 traz a mesma avenida recentemente, em cuja imagem podemos notar as transformações que ocorreram com o passar do tempo: a rua aparece asfaltada, dois dos prédios que aparecem na imagem 4 ainda estão presentes, mas apresentam novas edificações de mais de 7 pavimentos, largos canteiros floridos e os carros aparentam ser mais modernos e menos coloridos.

Imagem 6: Centro de Campo Mourão (1973)



Fonte: http://www.skyscrapercity.com/ showthread.php?t=1232409

Imagem 7: Centro de Campo Mourão (2012)



Fonte: http://s273.photobucket.com/user/pepedro cunha/media/Cidade131_zps10eac03d.jpg.html

O centro da cidade é retratado nas imagens 6 e 7. Na imagem 6, em 1973, podemos ver a Praça Getúlio Vargas, a Rodoviária Municipal e uma parte da cidade. Nesse momento, a igreja estava sendo reformada, não havia muitos prédios e casas. Já na imagem 7, o mesmo local em 2012, podemos observar que o espaço construído aumentou, tem mais prédios, a rodoviária foi transferida dando lugar para a biblioteca municipal e ao terminal urbano de ônibus.

Ao longo da atividade, as semelhanças e diferenças, mudanças e permanências aqui indicadas foram apresentadas e analisadas junto às crianças. Com isso, a discussão e compreensão sobre passado e presente ficaram mais claras para os alunos, os quais conseguiram, por meio das fotos, perceber e fazer uma análise do que havia mudado nos lugares retratados nas fotos apresentadas e o que permanecia igual. Relataram sobre as construções, a rua, árvores, as vestimentas que as pessoas usavam na época, e os modelos de carros que circulavam. De acordo com Mauad, em relação à análise de imagens:

> a mensagem fotográfica tem na noção de espaço a sua chave de leitura, posto que a própria fotografia é um recorte espacial que contém outros espaços que a determinam e estruturam, como, por exemplo, o espaço geográfico, o espaço dos objetos (interiores, exteriores e pessoais), o espaço da figuração e o espaço das vivências, comportamentos e representações sociais (MAUAD, 1996: 82).

Assim, compreendemos que o trabalho com as fotografias possibilita a compreensão da dimensão temporal que marca os espaços vivenciados pelos alunos, em nosso caso, o município de Campo Mourão.

Trabalhamos ainda com um texto retirado do site da Prefeitura da cidade, que possibilitou entrar em contato com a "versão oficial" da história do município de Campo Mourão, sua origem e primeiras famílias. O texto foi entregue aos alunos, lido e discutido na sequência.

Com o intuito de possibilitar às crianças a problematização da versão oficial e enfatizar a importância de outros sujeitos na história do município, realizamos uma pesquisa com os alunos sobre suas famílias, por meio de um questionário que versava sobre o local onde moram, há quanto tempo estão em Campo Mourão, quando ou em que ano chegaram ao município e quem veio, de qual cidade a família é, por que a família decidiu mudar-se e se há outros familiares que moram na região. Com tal atividade, buscamos partir da compreensão de Bergamaschi, a qual afirma que:

> Primeiramente, a história de vida de cada aluno deve ser a referência para localizar o tempo na história: quando nasceu, sua idade, os acontecimentos que marcaram sua vida. A vida do aluno em relação à história de outras pessoas; como se insere a vida de cada um em relação aos pais, avós, aos mais velhos (BERGAMASCHI, 2002: S/P).

A maioria das famílias dos alunos era de Campo Mourão ou região, os que são de outras cidades teriam vindo para o município em busca de emprego e melhores condições de vida, ou para ficar perto de parentes que residiam na cidade. O objetivo foi trabalhar com os alunos que a história também é feita pelas pessoas consideradas "comuns", por eles e suas famílias, e não somente pelos *pioneiros* e *heróis*, como determinados livros didáticos apresentam. Dessa forma,

> busca-se recuperar a vivência pessoal e coletiva de alunos e professores e vê-los como participantes da realidade histórica, a qual deve ser analisada e retrabalhada, com o objetivo de convertê-la em conhecimento histórico, em autoconhecimento, uma vez que, desta maneira, os sujeitos podem inserir-se a partir de um pertencimento, numa ordem de vivências múltiplas e contrapostas na unidade e diversidade do real. (SCHMIDT, GARCIA, 2005: 299-300).

Na última aula trabalhamos com a montagem de um desenho da cidade com a colagem de figuras retiradas de jornais e revistas.

Tendo como referência a discussão sobre o ensino de História, cabe destacar que, durante as aulas, foram utilizadas diferentes metodologias e fontes históricas, com o objetivo de levar aos alunos diferentes formas de apresentar o passado e possibilitar discussões sobre o mesmo, articulando as experiências cotidianas dos alunos com as de outras pessoas em diferentes épocas. De acordo com Oliveira (2010), o ensino de História necessita da utilização de diferentes fontes, pois é por meio delas que a realidade é problematizada e investigada, possibilitando um deslocamento temporal.

Considerações finais

A prática pedagógica realizada contribuiu para o entendimento acerca do ensino de História no Ensino Fundamental, a importância de se utilizar diferentes fontes, focar a compreensão de que a história é processo, não está pronta e circunscrita a apenas uma verão do passado, e pode ser vista de diferentes formas. É relevante mostrar aos alunos que a história também é feita por eles e suas famílias e não apenas por heróis.

Por meio da utilização das diferentes fontes (vídeos, fotos, texto, etc.), constatamos que os alunos conseguiram observar e entender as mudanças que foram ocorrendo ao

longo do tempo no município de Campo Mourão, e que uma cidade se desenvolve a partir das necessidades que vão surgindo e devem ser sanadas para atender à população.

Por fim, compreendemos que a utilização de elementos das vivências dos alunos os aproximou das discussões sobre história, pois dessa forma tiveram a oportunidade de compartilhar sua vivência pessoal como os demais alunos, mostrando que essa também é feita por eles e por suas famílias que vieram para o município em diferentes temporalidades e por diversos motivos, e fazem parte da construção do mesmo.

Referências

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. O tempo histórico no ensino fundamental. In: HICKMANN, Roseli. **Estudos Sociais: outros saberes e outros sabores**. Porto Alegre, Mediação, 2002. Disponível em: http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4/estudos_sociais/O_tempo_historico_no_ensino_de_historia.pdf. Acesso em: 02/10/2014.

BRUCE, Fabiana; FALCÃO, Lúcia; DIDIER, Maria Thereza. História(s) e Ensino de História. **Caderno de Estudos Sociais da Fundação Joaquim Nabuco**. Recife, v. 22, n. 2, jul./dez., 2006, p. 199-207.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1992.

CAIMI, Flávia Eloisa. Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo? In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. 2010 (Coord.). **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CAINELLI, Marlene. Educação Histórica: perspectivas de aprendizagem da história no ensino fundamental. **Educar**, Curitiba, p. 57-72, 2006.

CAINELLI, Marlene. O que se ensina e o que se aprende em História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. 2010 (Coord.). **História**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história – interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

OLIVEIRA, Enilson Pereira. Considerações sobre a escola dos Annales: o debate entre Peter Burke e François Dosse. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, 17 a 22 de julho, 2011, p. 1-14.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. Os tempos que a História tem. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. 2010 (Coord.). **História**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública da Educação Básica do Estado do Paraná: História**, Curitiba, 2008.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria Figueiredo Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005.

ZAMBONI, Ernesta. Desenvolvimento das noções de espaço e tempo na criança. **Cadernos CEDES**: A prática de ensino de História, n.10, p. 63-71, 1989.

Recebido: 21/07/2015
Aprovado: 13/12/2015